

# Oposição quer debater a crise

Partidos aceitam discutir soluções para o país desde que sejam convidados pelo Governo

Florêncio Costa e Paula Rangel

SÃO PAULO, BELO HORIZONTE e RIO

Dante do acirramento da crise, os partidos de oposição propõem ao presidente Fernando Henrique Cardoso um debate nacional envolvendo a sociedade e deixam claro que não apostam numa piora da situação. O senador José Eduardo Dutra (PT-SE) disse que se o presidente convidar a oposição para sentar-se à mesa para discutir saídas para a crise, vai defender que o PT seja o primeiro a aceitar o convite. Ele é um dos que apoiaram a proposta feita pelo principal líder da oposição, Luiz Inácio Lula da Silva — que viajou ontem para Cuba —, de que o presidente abra uma discussão sobre alternativas para o país, considerando as propostas apresentadas pela oposição durante a campanha eleitoral. Entre elas estão a centralização cambial, para evitar a fuga de capitais, e o controle das importações. Dutra advertiu que o papel da oposição agora não é ficar repetindo que havia advertido para a iminência da crise.

— Não concordo com a tese de quanto pior, melhor. Em tese não sou contra um pacto. Mas não cabe à oposição propor — disse Dutra, ressaltando que há condições para se chegar a um entendimento. — O presidente deve ter a grandeza de admitir que a política econômica falhou e que quer a contribuição de todos para encontrar a solução. A bola está com o Governo.

## Genoíno: "Congresso não pode se limitar à agenda do Governo"

O deputado federal do PSB Almino Afonso (SP) disse que a Executiva Nacional de seu partido se reúne na segunda-feira para discutir a crise. Afonso adiantou que a tendência também é propor um debate nacional. Adotando um discurso mais conciliatório ainda, ele elogiou a iniciativa do ex-ministro Ciro Gomes e do senador Roberto Freire, do PPS, que junto com o deputado Fernando Gabeira (PV-RJ) levaram ao presidente uma proposta de pacto.

— Mas é preciso ficar claro que a oposição continua tendo críticas ao governo — afirmou Almino.

O deputado federal José Genoíno (PT-SP) também aplaudiu a idéia do debate nacional. Ele sugeriu que o Congresso faça uma ampla discussão sobre a crise e não se limite a votar as medidas apresentadas pelo Governo.

— Temos que discutir outras medidas, não apenas as do pacote que o Governo vem apresentando. O Congresso já demonstrou que não está apostando no pior e não pode ficar limitado à agenda do Governo — afirmou. O tom de responsabilidade no Congresso diante da crise já havia sido dado na quarta-feira, quando a oposição assumiu uma postura de não obstruir as votações das medidas provisórias do ajuste fiscal. Na ocasião, o líder do PT na Câmara, Marcelo Déda (SE), advertiu que não era "hora de virar a mesa".

Para Genoíno, o país já está vivendo uma crise política e o Governo está na



DIRCEU, FREIRE E ITAMAR durante o encontro que tiveram ontem no Palácio da Liberdade, em solidariedade ao governador de Minas, que decretou moratória na semana passada

pública para pressionar o Governo a mudar a política econômica. Ele lembrou que isto poderá ocorrer na segunda-feira, quando os partidos de oposição realizam uma manifestação pública em Belo Horizonte, onde acontecerá a reunião de governadores de oposição.

— Se o presidente chamar a oposição para um debate nacional, teremos que saber primeiramente os termos desta discussão. Ele deverá demonstrar que aceita mudar a política econômica.

O presidente nacional do PT, José Dirceu, que se encontrou ontem em Belo Horizonte com o prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro (PSB), e com o governador Itamar Franco, disse que se o debate não acontecer, não há saída.

— Se o Governo federal insistir nessa atitude imperial, monárquica, de interditar o debate e tomar as decisões na burocracia do Planalto, o país não encontrará saída. É hora de abrir o debate com sindicatos, trabalhadores, sociedade civil.

O presidente do PT afirmou que a mudança cambial mostra que o Plano Real não existe mais como foi concebido.

— As mudanças foram boas, porque os juros altos, o câmbio valorizado e a política da ajuste estavam debilitando o país, mas o que está acontecendo na Bolsa de Futuros e no mercado de dólares mostra que não dá para saber o que será do país na segunda-feira.

A maior preocupação do deputado Marcelo Déda é evitar que os mais pobres paguem pela crise:

— Nosso temor é que o incêndio queime quem está no andar de baixo. ■

defensiva, com o presidente isolado.

— A oposição não quer ver o circo pegar fogo. Mas também não abre mão de sua identidade e vai continuar defendendo suas propostas — disse.

Lula também afirmou que Fernando Henrique deve mostrar disposição para fazer mudanças no rumo da economia. O líder petista embarcou ontem para Havana, onde participará do encontro "Globalização e os Problemas de Desenvolvimento", promovido pela Associação de Economistas da América Latina

e pela Associação Nacional de Economistas de Cuba.

— Não é motivo para que ninguém esteja alegre com esta crise, que vai atingir a parte mais pobre da população. O presidente Fernando Henrique corre o risco de terminar o segundo mandato como o responsável pela quebra da oitava economia mundial. O PT apresenta as propostas para sair da crise desde a campanha eleitoral, e tem a coragem de debatê-las. Mas o Governo deve ter a coragem de debater também — afirmou

Lula na sede do PT, quinta-feira, depois da reunião com os economistas Maria da Conceição Tavares e Paul Singer.

Tarso Genro, ex-prefeito de Porto Alegre, não acredita que o presidente aceite discutir as propostas da oposição. Para Tarso, Fernando Henrique não tem demonstrado intenção de mudar sua política econômica.

O deputado federal Aldo Arantes (PC do B-GO), discorda de que o papel da oposição seja discutir a crise. Segundo ele, a oposição deve mobilizar a opinião